

ENTREVISTA/INTERVIEW

Carlos Alberto Torres em entrevista: da Educação Comparada aos planos futuros de um “intelectual do mundo”

*Carlos Alberto Torres in an interview:
from Education Compared to the future plans of an “intellectual of the world”*

*Carlos Alberto Torres en entrevista:
de la Educación Comparada a los planes futuros de un “intelectual del mundo”*

RODRIGO DE MACEDO LOPES¹

CAMILA FERREIRA DA SILVA²

MARIANA GAIO ALVES³



CARLOS ALBERTO TORRES é natural da Argentina e sua trajetória formativa e profissional levou a que se adotasse a designação “intelectual do mundo”. Esse termo visa a abarcar suas experiências discentes, docentes, de pesquisa e de diálogos estabelecidos em vários países, em quatro continentes. Graduado em Sociologia na Argentina, realizou seu mestrado em Ciência Política no México; nos Estados Unidos, fez novo mestrado e doutorado em Educação Internacional e Desenvolvimento, na Universidade de Stanford. Realizou ainda seus estudos pós-doutorais no Canadá, no âmbito dos Fundamentos da Educação Internacional. Seu itinerário de formação e os trânsitos por diferentes áreas do conhecimento permitem compreender os motivos que o levam a se autodenominar sociólogo político da educação.

No terreno profissional, Carlos Alberto Torres é professor de Ciências Sociais e Educação Comparada na Universidade da Califórnia, onde também já ocupou o cargo de diretor do Centro Latino-Americano. Tem se destacado como professor visitante em universidades na América do Norte, América Latina, Europa, Ásia e África e, no que tange às suas palestras, alcançou universidades da Argentina, Brasil, Costa Rica, México, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Espanha, Portugal, Itália, Suécia, África do Sul, Moçambique, Tanzânia, Finlândia, China e Japão. É ainda diretor fundador do Instituto Paulo Freire em São Paulo, Buenos Aires e na Califórnia. Com mais de 60 livros e centenas de artigos publicados, esse professor pesquisador dedica-se também a escrever contos e poemas.

A presente entrevista foi realizada em outubro de 2016, em Lisboa, em decorrência do Colóquio “O futuro da escola: homenagem a John Dewey no centenário do livro Democracia e Educação (1916-2016)”, promovido pela Universidade Lusófona. O texto foi organizado em três partes: em um primeiro momento, a conversa versa sobre a Educação Comparada; logo depois, o tema é a pesquisa colaborativa e as redes de investigação; e, por fim, o diálogo estende-se para as questões ligadas à produção recente do professor e de seus planos de futuro.

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre na mesma área pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas e licenciado pela mesma instituição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <<https://orcid.org/0000-0002-7047-4530>>. E-mail: <rlopes9@gmail.com>.

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa, bolsista Erasmus Mundus. Universidade Nova de Lisboa; ORCID id: <<https://orcid.org/0000-0002-2348-9350>>. E-mail: <ferreira.camilasilva@gmail.com>

³ Professora Auxiliar com Agregação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Doutora em Ciências da Educação (especialidade em Educação e Desenvolvimento) pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Universidade Nova de Lisboa; <<https://orcid.org/0000-0001-8895-0796>>. E-mail: <mga@ie.ulisboa.pt>.



Bloco 1: QUESTÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO COMPARADA

ENTREVISTADORES (EN): Na primeira parte, basicamente, nós gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre como a Educação Comparada entrou no seu horizonte de investigação. Como o senhor começou a se ocupar desse assunto na sua trajetória?

➤ **CARLOS ALBERTO TORRES (CAT):** Educação Comparada, para mim, foi sempre um assunto muito vinculado aos grandes temas das minhas pesquisas. Quando trabalhei sobre o tema Paulo Freire¹, desde a Argentina em diante, naturalmente o vinculava a várias filosofias, a distintos pensamentos, a diversas categorias. Isso já criava a possibilidade de uma comparação. Mais sistematicamente, quando eu entrei em Stanford, em 1980, o programa era, diríamos hoje, de Educação Comparada. Era o International Development Education Program. E esse era um elemento natural, porque você estudava disciplinas na Antropologia, Economia, Ciência Política etc., e desenvolvimento é algo que está agora em popularidade, porque começa se desenvolver o tema do global. Dentro dessa questão do desenvolvimento, havia uma forte ênfase regional, o que é uma peculiaridade da Educação Comparada e que tem uma marca dos Estudos Regionais. Quando eu estudei, nos anos 1980, o Global não era tão importante, agora é importante. Minha perspectiva foi se ampliando, porque com o decorrer do tempo eu me converti num *expert* no global, globalização etc. Mas não abandonei as origens da Educação Comparada em duas ou três características: a primeira, na importância dos temas sobre o desenvolvimento; a segunda, nos termos de como a Educação Comparada deve ser usada para entender o local em dialética com o global; e a terceira, no respeito pelas linguagens vernaculares, especialmente para alguém como eu, que escreve literatura de ficção, escreve em castelhano e que é publicado em português – ontem você viu que estavam oferecendo um romance meu, publicado aqui, em 2005². A Educação Comparada não está tão afastada da sua maneira clássica: respeito pela história dos lugares, respeito pela língua, respeito pela cultura,

respeito pela questão simbólica que se entende somente quanto se conhece bem o local. Dentro do global, há uma tensão muito forte e até um desprezo pelo local. Tenho escutado mais de uma vez: “Para que estudar o local se todo mundo fala inglês?”. Então, eu venho de uma tradição muito mais respeitosa e que se vinculou a mim, a princípio, e depois foi chegando mais gente. Eu fui presidente da Comparative and International Education Society (CIES) muito jovem, nos Estados Unidos, e acabo de terminar um período de três anos como presidente do World Council of Comparative Education Societies (WCCES). Mas isso não foi a única coisa que fiz na minha vida, eu desenvolvi, junto com outros pesquisadores, a Sociologia Política da Educação, fiz também um trabalho sistemático sobre Multiculturalismo etc. Então, a Educação Comparada não é o meu único nicho de trabalho, é um dos quais se associou naturalmente a mim, em parte por eu ser um imigrante, em parte por ser um exilado, em parte por ser alguém afastado do seu contexto orgânico nacional, como Paulo Freire, enviado para o mundo e convertido em um cidadão do mundo.

EN: E, mesmo tendo conhecimento de que o senhor caminhou por vários temas, nós gostaríamos de saber um pouco sobre o panorama dessa época em que tudo começou. Como a Educação Comparada estava situada, naquele momento histórico, no interior de um quadro mais geral de disciplinas?

➤ **CAT:** Educação Comparada tem um problema. Nunca foi bem definida como uma disciplina, na realidade é um híbrido, é uma disciplina de disciplinas. A minha tentativa foi de dar-lhe cientificidade com o método, especialmente com a perspectiva das origens. Essas origens estão ligadas a duas grandes, se você quiser, tradições. A primeira é a História, a História da Educação, que na Europa Continental se desenvolveu muito vinculada às origens dos sistemas educativos etc. E não é raro encontrar muitos dos bons comparativistas – vocês viram ontem Antônio Nóvoa³ que vem da área da História. E a outra tentativa foi criar uma Ciência da Educação Comparada através de um método, e isso foi vinculado fortemente à tradição positivista que logo foi abandonada. Em síntese, a Educação Comparada não é uma disciplina, é um híbrido, multidisciplinar. A Sociologia da Educação é uma subdisciplina especializada da Sociologia. É diferente. E depois há o elemento de respeitabilidade. Você pode ter um curso

¹ O trabalho do professor Carlos Alberto Torres com o tema Paulo Freire começou em 1974 a convite do editor da revista *Tierra nueva*, Júlio Barreiro, que lhe pediu para escrever um livro crítico sobre o trabalho de Freire. A partir desse momento, o professor Carlos Alberto Torres começou a se interessar pelo trabalho de Freire, a pesquisar e produzir sobre Paulo Freire e temas correlatos – Educação Emancipadora, Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular etc. – e desenvolver um trabalho de divulgação do pensamento freireano: criação de Institutos Paulo Freire ao redor do mundo. Dessa época destacam-se as seguintes obras: *Diálogo com Paulo Freire* (1979), *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire* (1979), *Leitura crítica de Paulo Freire* (1981).

² Trata-se da obra *O manuscrito de Sir Charles*, publicado pela Editora Dom Quixote.

³ O professor faz referência à conferência “Democracia e Educação: o futuro da escola”, proferida pelo professor Antônio Nóvoa no âmbito do Colóquio “O futuro da escola – homenagem a John Dewey no centenário do livro ‘Democracia e educação’ (1916-2016)”, realizado em 10 de outubro de 2016, na Universidade Lusófona, em Lisboa.

de Sociologia da Educação em um departamento de Sociologia, e isso te dá uma visibilidade imensa. A Educação Comparada foi sempre marginal no interior das escolas de Educação.

EN: Qual a relação que o senhor vê hoje entre o uso da Educação Comparada e as agências de rankings?

☛ **CAT:** A Educação Comparada, desde a década de 1990, com o crescimento do tema da globalização, tem um novo prestígio. Em parte, porque muita gente que se graduava nesses programas encontrava trabalho em organizações multinacionais, bilaterais etc. Então, há aí um nicho, um espaço de articulação, onde as pessoas encontram trabalho e fazem trabalhos. O mercado discrimina. Que responsabilidade tem a Educação Comparada nessas posições com respeito a buscar fazer distintas análises para ver quais as melhores universidades? Como se mede? Eu não sei se a Educação Comparada tem alguma responsabilidade. O que eu penso é que este foi um movimento hegemônico que se deu desde os anos 1990 e continua captando gente. Por exemplo, há muita gente em Pisa⁴ fazendo coisas e um dos seus grandes líderes tem doutorado em Física. Imaginar que Educação Comparada é responsável por isso ou por aquilo é, quiçá, dar muita responsabilidade.

EN: Qual a importância de investigar a Educação sob a perspectiva comparada?

☛ **CAT:** Bom, essa é uma das perguntas mais fáceis de responder, muito fácil. Primeiro, você faz ou não faz Educação Comparada, a comparação está no centro dos aspectos cognitivos, e me atrevo a dizer, também, ético-valorativos de todas as pessoas. Quando você vai a um supermercado, pega um produto, o que compara? Compara o preço, compara os ingredientes, compara a marca, a qualidade da marca, compara constantemente. Quando tem filhos/filhas e tem de matriculá-los num jardim de infância, compara as opções que você tem, dependendo de sua capacidade de pagar, dependendo da distância, dependendo de muitas coisas. A comparação é natural ao ser humano. Agora há maneiras e maneiras de fazer a comparação. E a vantagem da Educação Comparada é que oferece três elementos que fazem a comparação mais sistemática e mais produtiva. Primeiro, é um esforço metódico de aprender a comparar, portanto a ênfase é no método,

que foi uma coisa de nossos pais já há setenta anos, coisas que são valiosas. Segundo, é o que foi definido em uma frase fantástica: *born in a land*, o que significa “você toma emprestado e empresta coisas” – por exemplo: agora se chama boas práticas, que você pode adaptar de acordo com as condições do contexto social. Isso é o que a Educação Comparada orienta, além de guiar também a gente a fazer favores. E, finalmente, a Educação Comparada, e para mim é uma das coisas mais importantes, pode criar um modelo de consciência global. Esse é um modelo de consciência ético-valorativa, um modelo de consciência prática. Então, dentro desses espectros, a Educação Comparada faz um conjunto de contribuições múltiplas.

Bloco 2: REDES DE COLABORAÇÃO

EN: Nós vamos entrar agora na segunda parte, que é sobre as redes de colaboração que o senhor tem trabalhado. Gostaríamos de saber como esse trabalho tem sido feito e como é esse contato internacional com outros pesquisadores. O senhor faz parte, inclusive, do Conselho Mundial de Educação Comparada. Como tem sido esse trabalho para tentar agregar pesquisadores diferentes em torno da Educação Comparada em todo o mundo?

☛ **CAT:** Recentemente, em uma graduação... bom, eu dou uma aula, acabo às 10, 11, 12 horas, os estudantes têm a possibilidade de fazer uma avaliação do professor. Recentemente, uma estudante falou: “Carlos Alberto Torres é uma universidade por ele mesmo”. Em certo sentido, meu próprio trabalho está muito mais vinculado, o que parece ser curioso, ao tradicional enciclopedismo do século XVIII. Por quê? Porque eu trabalho as relações. Então eu trabalho a Filosofia, a Economia, a Ciência Política etc., e isso, naturalmente, cria sobreposições com diversos grupos e redes, primeira observação. Segunda, veja o que Manuel Castells chamou de a Sociedade de Rede⁵. Ensina-se em rede, estuda-se em rede, pesquisa-se em rede. As redes são naturais. Se prestarmos atenção, é isso que eu quero dizer, se eu contar cada centena de e-mails, às vezes, mil que me chegam por semana das imensas quantidades de redes que eu faço parte, eu não poderia fazer o meu trabalho [risos]. Então, isso é parte da realidade atual. A respeito das redes que eu pouco a pouco fui criando e com as quais eu colaboro, uma muito importante é o Instituto Paulo Freire. São 14

⁴ Pisa é a sigla para Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Trata-se de uma rede mundial de avaliação do desempenho escolar coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cujo objetivo é melhorar as políticas e os resultados educacionais dos estudantes.

⁵ O professor faz referência ao trabalho de Manuel Castells na trilogia *The information age: economy, society and culture*, publicada originalmente em 1996. Essa trilogia é composta pelos livros: *The rise of the network society* (volume I); *The power of identity* (volume II); e *End of millennium* (volume III).

institutos no mundo inteiro, e eu fundei, pelo menos, quatro. O primeiro deles com Paulo Freire em São Paulo, em 1991. Essa é uma rede muito importante, especialmente porque é de movimentos sociais. A segunda rede da qual eu participo muito intensamente é a da Unesco, à qual se vinculam umas 40, 60 pessoas e umas 20 cidades no mundo inteiro. E essa rede faz pesquisa-ação e também trabalha com currículo etc. As revistas também criam redes, são como mães que criam filhos. Por exemplo, agora eu estou criando uma possível nova rede, a rede de uma concentração sobre globalização e aprendizagem. Por quê? Porque o modelo de globalização tem modificado profundamente a maneira como nós aprendemos, e disse muito bem e muito eloquentemente Antônio Nóvoa quando estava falando do *millennium*⁶. “Cidadãos do milênio” não são como eu. São diferentes. Entendem a tecnologia de uma maneira diferente. Eu uso muito a tecnologia, cuidado! Eu dirigi por dez anos um dos grandes institutos de pesquisa na University of California (UCLA) e, quando não estava em UCLA, estava em qualquer esquina do mundo. Então eu só pude dirigir graças ao impacto da internet. Um grande instituto com centenas de milhares de dólares, sem estar numa oficina, em um lugar. É toda uma experiência nova, mas os “milênios” têm outro jeito de aprender, por exemplo, o *e-book*. O *e-book* é mais fácil de ler do que um livro qualquer. Porque se você quer ler um *book*, nós, sociólogos, lemos de uma maneira especial. Quem é um bom sociólogo lê um livro em duas horas. É trágico para aqueles que pensam, como alguns filósofos, que se você não ler um livro três vezes, você não pode opinar [risos]. Mas eu pego um livro e, em duas horas, eu posso argumentar de tal maneira que até o autor pensa que eu li três vezes. Por quê? Porque aprendi, eu tenho um sistema de leitura veloz. Eu aprendi, desde muito jovem, quando era estudante de Sociologia na Argentina, que você lê livro em transversal, não horizontalmente. Então você pode me dar um livro simplesmente por vinte minutos e, depois disso, eu já sei do que se trata. Logo, se o livro estiver bem feito, na América Latina não estão bem feitos, porque não há índice de nomes e de conceitos, então é mais difícil, mas nos Estados Unidos é fácil. O que faz um autor que sabe escrever? Ele sabe que há duas partes do livro que todo mundo lê: a introdução e a conclusão. Então, se você ler a introdução e a conclusão, se o livro é

inteligente tem de fazê-lo de tal maneira que o que está no meio justifica o que começou e o que terminou. Então, se você gostou do que leu no começo e no final, olhará a lógica da argumentação nos capítulos do meio. Já vamos em uma hora, em média. Já sei perfeitamente o que diz o livro. Mas eu tenho algumas dúvidas: “Como trata a relação democracia e capitalismo?”, por exemplo. É simples, basta ir ao índice de termos, você vai ler rapidamente. Quantos livros eu posso ler com esse sistema? Na semana? Vinte! É fácil ler. O que acontece? É que eu sou um bom escritor, eu gosto de ler bons escritores. Então eu digo: “Bom, eu terminei de fazer todo esse exercício, um exercício de engenharia bibliográfica; se encontro um livro bem escrito, eu leio tudo novamente para desfrutar do escritor, embora eu já saiba o que está dizendo”. Essa é a maneira como gente tradicional como eu lê, e certamente lemos melhor que os “milênios”. Os “milênios” têm certo problema, não entendem. O que os “milênios” não entendem é que a internet desfigurou as linguagens e, portanto, desfigurou a capacidade lógica dos “milênios” de entender. Bem, não é uma crítica, é simplesmente uma verdade. Eu leio os meus estudantes e me desespero. Falta-lhes a lógica da prova, o argumento empírico é limitado, os argumentos metodológicos não existem, e a parte ético-política, pelo amor de Deus. Um de cada vinte ou trinta é diferente. E sabe por quê? Porque talento está diferencialmente distribuído. Portanto, não é surpreendente quando eu escolho um estudante para trabalhar comigo, é esse tipo de pessoa que me impressionou por ter escrito um trabalho que indica o que quer fazer. Muitos dos meus estudantes são brilhantes, a maioria. E são brilhantes, não porque são meus estudantes, mas porque eu tenho a capacidade de escolher estudantes brilhantes. Lá no meio eu simplesmente encontro um espaço de articulação, uma comunidade de aprendizagem, uma comunidade política, onde florescem. É a imagem de quem planta árvores de muita fortaleza em um espaço bem adubado, com bom solo, com boa água, que são as ideias, as minhas provocações, elas crescem. E isso é que me faz tão feliz como professor universitário. A pesquisa é maravilhosa, a docência me aborrece, com exceção quando encontro uma ou duas pessoas brilhantes, e elas aprendem muito. Mas se não encontro essas pessoas, os estudantes provocam coisas em mim que me fazem pensar. Por isso, eu deixei de ensinar à noite, porque eu ensinava, às vezes, de 17 às 21 horas da noite, e a que horas eu iria dormir? A agitação intelectual era imensa, enfim, é só o que eu diria por agora nesse contexto. Mas você me perguntou uma coisa muito mais específica, certo?

⁶ Há aqui uma referência ao termo *millennial generation*, cunhado nos estudos mais recentes sobre juventude, utilizado para se referir às crianças e jovens que já nasceram imersos no mundo digital. Para mais informações acerca dessa questão, consultar: Elam, Stratton e Gibson (2007); Monaco e Martin (2007); Alsop (2008); Considine, Horton e Moorman (2009); Ng, Schweitzer e Lyons (2010). Doravante, a expressão é traduzida para o português como “milênios”.

EN: E sobre as redes de colaboração?

⇒ **CAT:** Bom, eu já falei das redes de colaboração. Eu diria que são muitas mais. Há outra que é muito clara, e é uma responsabilidade que eu tenho no contexto nas Nações Unidas, na Unesco, e aí há redes múltiplas. Por exemplo, a rede dos Unesco Chairs. Nos Estados Unidos, devemos ter, só em Educação, de meia dúzia a uma dúzia de Unesco Chairs, portanto não é uma rede formal. O que existe é que, no Comparative and International Education Society, nós começamos, há dois anos, uma reunião dos “membros convidados”, e fazemos apresentação para vincular a Educação Comparada ao trabalho na Unesco. Mas temos uma reunião no fim do ano, no parlamento do estado, aonde chegam os membros convidados que são de todo tipo. Tem gente trabalhando sobre gênero, tem gente trabalhando sobre aprendizagem internacional e globalização e *global citizenship education*. Algumas são reuniões burocráticas, outras não. Além disso, não podemos esquecer que os Estados Unidos saíram da Unesco, e nós somos, em grande parte, os responsáveis por trabalhar para que os Estados Unidos possam voltar à Unesco. Eu poderia seguir falando muito sobre *networks*. Há redes privadas e estas crescem à sombra das grandes árvores. Eu tenho um grupo de gente que tem me consultado todos os dias acerca de tudo que fazem, querem minha opinião, porque vale a pena. E eu tenho um grupo de pessoas que me mandam seus *papers* para ler e, às vezes, eu não posso fazer. Tem outra rede muito interessante, criada quando você é membro de jornais e avalia artigos. Eu sou membro de mais de vinte jornais de todo o mundo e, francamente, nos últimos anos, só tenho avaliado quatro artigos por ano. Mas, se eu leio tudo o que me chega, francamente, eu teria uma capacidade, com essa expressão em inglês *gauge*. *Gauge* é como um termômetro. Eu tenho uma capacidade de medir a temperatura cíclica de vinte disciplinas distintas. Claramente, eu não tenho interesse e não tenho tempo de ler cinquenta artigos. Há outro nível curioso das redes, por exemplo, eu sou avaliador de avaliadores no mundo inteiro. Então, quando chega a certo nível, as pessoas querem sua opinião. Em Israel, tem uma excepcional, digamos comunidade científica, e há financiamento para pesquisas, então, recentemente me convidaram para que eu avalie esses trabalhos de pesquisadores em Israel que estão apresentando para financiamento. O mesmo na Finlândia, agora tenho, neste computador, dos Países Baixos, quer dizer, há um conjunto de redes aos quais eu não cultivo, mas eles me cultivam, esperando a minha opinião, é gratuito. Agora, isso é muito interessante, porque eu recebo da Alemanha e dos Estados Unidos. E, em algum momento, você pensa: “Será isso o estado da arte?”.

É uma pergunta muito importante. E você lê antes que seja publicado. Lê antes que se tenha feito a pesquisa. Isso me dá um nível de conhecimento excepcional. Eu mencionei meia dezena de redes, existe outra meia dezena mais que não tenho nenhum interesse em mencionar, todas legais [risos].

EN: Continuando nessa questão das redes, o senhor falou no início como, por exemplo, a História esteve ligada a esse começo da Educação Comparada. Agora, com esse boom das redes de colaboração, outras disciplinas compõem o rol da Educação Comparada, no qual ela se desenvolve, além da História, Sociologia, Filosofia, Economia e outras? Como o senhor vê isso?

⇒ **CAT:** Por hipótese, é natural, porque se você está trabalhando o tema da Economia da Educação, há muitos economistas vinculados à Educação Comparada. E isso eu poderia dizer que acontece em todas as grandes disciplinas: Ciência Política etc. Existem outras áreas, Country Studies, por exemplo, que não são tão próximas. Eu trabalho muito em Literatura, e Literatura Comparada não está muito vinculada, ainda que pudesse se vincular. Então, em síntese, a Educação Comparada não é uma disciplina *per se*, mas se nutre das disciplinas.

EN: E, para fechar esse bloco, nós gostaríamos que o senhor fizesse uma avaliação sobre essas questões das redes na Educação Comparada. Como têm se desenvolvido? Quais os seus papéis?

⇒ **CAT:** Bom, o problema das redes em Educação Comparada – e que a experiência do conselho é prova – é que, às vezes, são redes; às vezes, são clubes privados de amigos; e outras vezes, são pessoas muito vinculadas a tradições trágicas da humanidade, a posições epistemológicas, políticas e pedagógicas que estão vinculadas ao colonialismo. Então, existem muitas pessoas que nem se dão conta de que são basicamente administradores coloniais. Por isso, as redes têm de ser julgadas criticamente e não aceitas acriticamente.

Bloco 3: PRODUÇÃO RECENTE E PLANOS DE FUTURO

EN: O terceiro bloco será breve. Nós gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre o livro publicado em parceria com Massimiliano Tarozzi.

⇒ **CAT:** Chama-se *Education and global citizenship: challenges for multiculturalism and interculturalism*. Bom, esse livro é a primeira tentativa de mostrar que há uma necessidade urgente de vincular *global citizenship education* ao tema da diversidade e, dentro

desse tema, escolhemos a dupla multiculturalismo e interculturalismo, porque fazemos uma conversa entre o global, os Estados Unidos e a União Europeia. O mesmo poderia ser o argumento do outro lado. Na América Latina, por exemplo, esse tema está muito vinculado a outro modelo de multiculturalismo, diferente do norte-americano. O interculturalismo é o modelo mais europeu, com exceção da Inglaterra, que é um país onde o multiculturalismo se desenvolveu através de uma política antirracismo. Então, o que quisemos fazer nesse livro, e penso que está bem feito e muita gente já disse que é o melhor livro sobre o tema, foi mostrar como *global citizenship education* pode ser uma resposta, tanto às crises do multiculturalismo quanto às crises do que Ulrich Beck definiu como uma Sociedade de Risco⁷. Agora eu estou a pensar, já me disseram, vocês estavam ontem na sala, Luísa Cortesão⁸ é uma grande intelectual portuguesa, muito amiga minha, ela tem um nome especial para mim, porque ela diz que eu continuamente desarmo argumentos. Então ela me chama Malvado Torres [risos]. Mas uma das coisas que é certo é que eu gosto de desarmar argumentos, especialmente simplistas. Agora esse livro não tem como propósito investigar outros argumentos, tem o propósito de apresentar novos argumentos. No entanto, quando eu terminei e publicamos, após sete anos, esse livro, eu fiquei um pouco insatisfeito. Por quê? Agora em um texto que se chama *Global Citizenship Education*, publicado pela *Oxford Encyclopedia Research*, que saiu agora em janeiro, me pediram um artigo. Quer dizer que escolhem uma pessoa que supõem que é o melhor no tema e pagam mais para fazer. Eu, francamente, tive espaço e fiz esse artigo. Um dos argumentos desse artigo é o seguinte: *global citizenship education* é uma intervenção buscando uma teoria. Então, na cátedra em que eu tenho a honra de ocupar com um grupo muito grande de pesquisadores do mundo, estamos tratando de fazer com que a intervenção seja mais poderosa e começar a argumentar ao redor de uma teoria que possa ser elaborada, defendida, implementada e avaliada empiricamente. Dentro desse contexto, eu vi que o que acontece na academia – e eu já estou há quarenta anos na academia –, é que há muita gente dez anos mais nova que pensa o mesmo, que está muito bem fazer uma carreira acadêmica, está muito bem escrever um livro, está muito bem apresentar argumentos, tudo bem. Mas ouvimos a frase que o professor Antônio

Nóvoa [citando Almada Negreiros] dizia: “Quando eu nasci, todos os argumentos que iriam salvar a humanidade estavam escritos, agora tem de salvar a humanidade”. Então, meu propósito, não sei se é salvar a humanidade, meu propósito é ver como fazemos coisas práticas e, para isso, não é preciso escrever um artigo ou ler dois mil especialistas ou esse famoso artigo que eu escrevi sobre Freire e Hegel, que devem ter lido duzentos especialistas. Tudo bem, as pessoas, leem, tudo bem. Meu objetivo agora é diferente, meu objetivo agora é ir a lugares específicos e fazer coisas específicas que provoquem mudanças e eu poderei dormir uma noite mais tranquila. O problema desses temas é que existem pessoas fazendo carreiras acadêmicas, então se você quer ter uma boa carreira acadêmica há duas coisas que você, geralmente, deve fazer. A primeira é elaborar uma grande síntese do que existe numa área, criticá-la e publicá-la. Eu fiz isso já muitas vezes, tenho livros que me tomaram dez anos, que naquele momento foi a grande síntese da Sociologia da Educação. E tenho vários trabalhos assim. A outra coisa que tem de se fazer – e que eu não faço – é tomar as grandes estrelas de uma disciplina e criticá-las. Para mim, isso é irrelevante. Mas o que é relevante, neste momento, é que estamos num período tão difícil da humanidade que, se eu encontrar algo que se possa fazer imediatamente para dar uma contribuição, tanto no conhecimento como na prática, nessa ordem ou vice-versa, eu faço. E isso me levou a direções completamente difíceis de definir *a priori*. Bom, como seria então o tipo de responsabilidade que eu sinto para o futuro? Eu vou desenvolver o argumento assim: na realidade, depois de passar quatro décadas na academia, pode iludir-se e pensar que porque existem pessoas que te leem, te convidam para falar, te escutam, que gostariam de ter um jantar contigo, te faz importante. Na realidade, não é isso que é importante. A única coisa que temos é o tempo. E há um tempo que é coletivo e outro que é individual. Eu não sei quantos anos eu tenho mais neste mundo, o que eu sei é que tenho de fazer as coisas que me dão mais prazer, que eu tenho de fazer coisas que contribuam para a troca, modificar as coisas – eu sou, em parte, de uma tradição da teoria crítica da sociedade – e também que tenho de fazer coisas que tenham sentido em todos os níveis de minha própria produção intelectual. Quer dizer, não somente uma disciplina, mas uma prática. Por exemplo, com Ana⁹, estamos começando, temos uma propriedade rural onde moramos na montanha. Muita gente tem tirado fotos, e estamos tratando de impulsionar. Eu

⁷ Ver mais em: BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

⁸ Maria Luíza Coelho Zuzarte Cortesão Abreu, professora emérita da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE), Portugal.

⁹ Trata-se da professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil, Ana Elvira Steinbach Silva Raposo Torres.

tenho, por exemplo, sessenta oliveiras plantadas e agora o que vamos fazer é começar a produzir azeite de oliva, para consumo próprio, consumo dos amigos e pode ser também para vender, orgânico. Tenho umas cinquenta videiras e produzo meu próprio vinho, porque gosto de vinho e também seria bom imaginar que eu pudesse produzir mais e tivesse um sentido mais coletivo. Estamos tratando de um modelo, outra vez, de produzir nosso próprio alimento, o tipo de coisa que você come cotidianamente. E agora estamos pensando em avançar num projeto mais ambicioso com animais. Eu produzo todos os meus próprios móveis. Ana sabe perfeitamente que não pode comprar um móvel de madeira em minha casa.

EN: O senhor poderia nos falar sobre suas expectativas futuras?

⇒ **CAT:** Estamos falando que agora, para mim e nessa etapa de nossa vida [referindo-se a ele e à esposa], o que queremos fazer é vincular a *práxis* intelectual com a *práxis* política e com a *práxis* que eu chamaria orgânica, vinculada à produção e consumo de elementos naturais para nós. E isso requer certa dedicação de tempo. Mas também vantagens, porque estamos sempre visitando muitas partes, ainda este ano vamos visitar duas empresas agrícolas orgânicas para aprender como eles fazem coisas. Por exemplo, em Taiwan, eles fazem uma emulsão com as partes dos restos dos peixes que eles trituram de uma maneira tal e misturam com outros elementos orgânicos e forma adubo. É uma coisa extraordinária, então eu quero saber como fazem, porque parece que dá um resultado excelente. Enfim, vamos buscar aprender mais sobre como produzir azeite, e tudo isso se vincula a um *modus vivendi*, mais que a uma agenda de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALSOP, R. **The trophy kids grow up:** how the millennial generation is shaking up the workplace. EUA: Jossey-Bass, 2008.

BECK, U. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

CASTELLS, M. **The rise of the network society.** 1. ed. Chichester: Blackwell Publishers, 1996.

_____. **The power of identity.** 1. ed. Chichester: Blackwell Publishers, 1996.

_____. **End of millennium.** 1. ed. Chichester: Blackwell Publishers, 1996.

CONSIDINE, D., HORTON, J.; MOORMAN, G. Teaching and reading the millennial generation through media literacy. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 52, n. 6, p. 471-481, Mar. 2009.

ELAM, C.; STRATTON, T.; GIBSON, D. D. Welcoming a new generation to college: the millennial students. **Journal of College Admission**, n. 195, p. 20-25, 2007.

MONACO, M. & MARTIN, M. The millennial student: a new generation of learners. **Athletic Training Education Journal**, v. 2, n. 2, p. 42-46, Apr./Dec. 2007.

NG, E. S. W., SCHWEITZER, L. & LYONS, S. T. New generation, great expectations: a field study of the millennial generation. **Journal of Business and Psychology**, v. 25, n. 2, p. 281-292, jun. 2010.

TAROZZI, M.; TORRES, C. A. **Education and global citizenship:** challenges for multiculturalism and interculturalism. London; New York: Bloomsbury Academic, 2016.

TORRES, C. A. **Consciência e história:** a práxis educativa de Paulo Freire. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

_____. **Diálogo com Paulo Freire.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

_____. **Leitura crítica de Paulo Freire.** São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. **O manuscrito de Sir Charles.** 1. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

Submetido em 23.05.2017

Aprovado em 18.07.2018.

Endereço para correspondência:

Rodrigo de Macedo Lopes

Rua General Bento Martins, 537/401 – Centro Histórico
90010-080 Porto Alegre, RS, Brasil.